

Ave Maria

REVISTA SEMANAL CATHOLICA E ILLUSTRADA
SÃO PAULO, 15 DE JULHO DE 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : RUA JAGUARIBE, 73
Caixa, 615 — Telephone, 1304 — S. PAULO

ORGAM NO BRASIL DA ARCHICONFRARIA
DO I. CORAÇÃO DE MARIA. REDIGIDA PE-
LOS MISSIONARIOS FILHOS DO MESMO
IMMACULADO CORAÇÃO

ASSIGNATURAS :

ANNO. 5\$000
PERPETUA. 80\$000
PAGAMENTO ADEANTADO

ANNO XIX

NUMERO 29



FALSOS DEVOTOS DE MARIA

ESCRUPULOSOS

E

coisa muito conhecida de todos que o escrupulo é um estado do animo, em que por certo medo ou acanhamento de espirito ou por falsas ideias, ou por ignorancia dos principios da sã moral, teme-se peccar onde não exis-

te peccado, ou receia-se cahir em peccado grave, quando ao summo é apenas peccado leve ou imperfeição aquillo que motiva a inquietação. Não são estes escrupulosos aquelles de quem fallamos agora.

Como aquelles fariseus de quem nos falla o Evangelho temiam entrar no pretorio para se não contaminarem, e desde fóra do mesmo pediam a morte do innocentissimo Jesus e exhortavam o povo a pedir bradando a consummação do mesmo crime ; assim certos espiritos maliciosos não se atrevem, segundo a propria confissão, a fallar com entusiasmo da devoção a Nossa Senhora, temendo tirar com ella alguma parte da honra que se deve a Jesus.

No entanto elles censuram os insinos da Igreja, murmuram dos *excessos piedosos* dos Santos amantes da Virgem, e cahem em outras desordens summamente reprehensiveis.

Para elles ninguem deve affirmar que todos os bens passam pelas mãos de Maria, que Ella é a nossa esperança, que Ella é a causa de nossa alegria ; porque estas prerogativas são privativas de Jesus, nosso Salvador.

A turba destes escrupulosos exquisitos está formada dos herejes que em todo tempo infestaram a Igreja de Deus, os quaes nunca gostaram da devoção *A'quella* que destruiu todas as heresias. Entram tambem nella alguns maus catholicos que não se importam com a devoção com Deus nem com os Santos nem praticam nenhuma obra piedosa ; mas sabem lamentar o fanatismo dos devotos marianos que por meio de procissões, novenas e outras festas não se cansam de mostrar seu amor á Virgem Immaculada.

Fiquem calados e quietos os taes escrupulosos imitadores do demonio,

que não fazem o bem, nem consentem que outros o façam. "Não receiem que tiremos as honras ao Filho, honrando a Mãe, diz São Bernardo, porque todos os louvores que dirigimos ao Filho pertencem a Mãe e todas as honras que dirigimos a Mãe, terminam no Filho, porque ninguém pretendeu separar Um da outra.

"Não cuideis, diz Sto. Affonso, Arcebispo de Toledo que o Filho fique ciumento da gloria da Mãe. Aquillo que pertence á escrava pertence tambem ao Senhor, a gloria que tributamos á Mãe, reverte no Filho, como as honras que se dão á rainha, glorificam ao Rei, por ser Elle o motivo de serem-lhe tributadas". Jamais se pode attribuir ao verdadeiro devoto de Maria, mingua nenhuma no amor de Deus, devida ao amor que devota á Mãe do mesmo Deus.

Palestras e conselhos

familiares aos catholicos

XIV

A Religião fáz o que deve occupando-se mais da vida futura do que da presente. Ha, porem muitos que dizem por ahi, que a Religião se devia occupar antes d'esta vida, do que fallar tanto na vida futura e sobretudo destruir a miseria. Se ella falla muito da outra vida, é porque a outra é eterna e portanto mais importante e merece que de preferencia d'ella se occupe, pois que a vida presente, é, em relação a eterna, um sonho, é ephemera, chimerica, e passageira, pois no dizer de um sabio philosopho da antiguidade: o homem é escravo da morte e hospede do lugar! E com effeito, é lá, na eternidade, que se decide para sempre, a grande questão da ventura, ou da desgraça, visto como nós sobre a terra não fazemos mais do que preparar esta solução.

Mas apesar da Religião fallar muito e mais, de preferencia, da outra vida, contudo e nem por isso deixa de attender á vida transitoria actual. Todos os interesses do homem lhe são presentes, a sua alma, o seu corpo, a vida passageira, a sua vida futura e immutavel, ella nada esquece.

Se não destróe inteiramente a miseria é porque a miseria não pode ser destruida; e não pode ser destruida, porque as causas que a produzem não podem ser supprimidas. A primeira causa é a desigualdade das forças physicas, da sau-

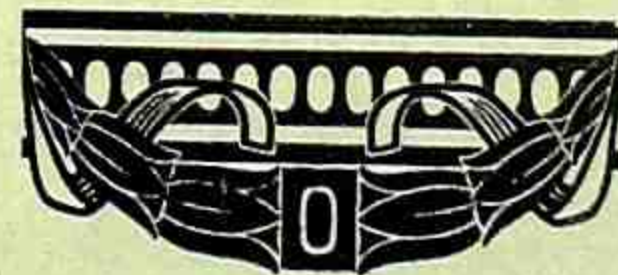
de, dos talentos, das intelligencias e das actividades entre os homens. Se, em virtude de qualquer accidente ou simplesmente pelo facto da velhice, alguém vier a perder a força necessaria para desempenhar o seu emprego ou officio, não cahirá na miseria? E quem pode nos livrar da doença, de um accidente ou da velhice? Quem pode dar talento e intelligencia a quem não tem? Quem pode tornar os homens eguaes em enghos, em habilidade, em forças e em vontade? Eis pois, uma causa bem fundada da miseria e que é impossivel, mesmo á Religião, destruir. A segunda causa da miseria, são os vicios da nossa propria natureza corrompida pelo peccado, taes como a preguiça, a devassidão, a embriaguez, o amor do prazer, a vingança, o orgulho, o egoismo, a usura, o odio etc.

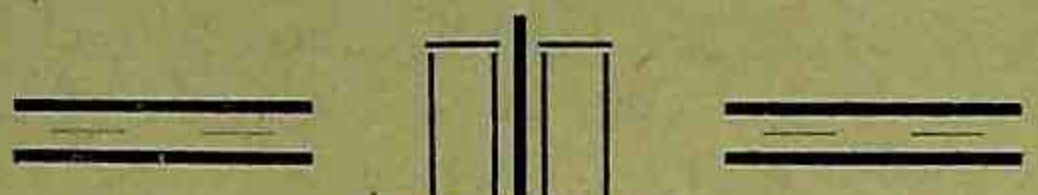
Quantos desgraçados, entre os pobres, que o são, por sua propria culpa? Dezenove em cada vinte! Estes accusam a Deus de seu mal, quando só deveriam queixar-se de si mesmos. Os pobres bons encontram promptamente soccorro, porque Deus e os amigos de Deus não os abandonam. A pobreza bem como a doença e a morte são a punição do peccado. E' impossivel destruil-as, porque é impossivel destruir o peccado original, que é um facto consummado; é impossivel tornar o homem impeccavel. O que é possivel, e que a Religião, admiravelmente faz, é allivial-as, tornal-as supportaveis, é enfim santifical-as.

A Religião venera em nosso corpo o templo d'essa alma immortal, que é em si mesmo o templo vivo de Deus. Ella procura cural-o e alliviar-lhe todas as dôres, por meio d'essas mil instituições de caridade de todo genero, que cobrem o mundo christão. Em toda a parte em que a voz da Religião é attendida, o rico converte-se em amigo, irmão e muitas vezes, servo do pobre. O rico bom christão, dá de boa vontade, do seu superfluo, o auxilio ao desgraçado desamparado, porque sabe que é esse um dever que lhe é imposto por Deus, quando ordena-lhe, por seu amor, o amor do proximo e a caridade christã.

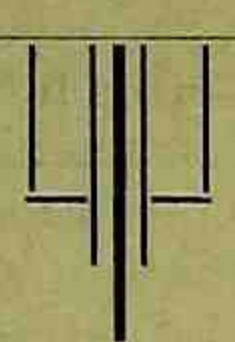
O pobre, por sua vez, aprende a ter esperanza, aprende a ter paciencia, aprende, na escola de Jesus Christo, a soffrer com humilde resignação, e muitas vezes até a amar os seus padecimentos os quaes conhece, serem destinados nos designios de seu Pae Celeste, a provar e experimentar a sua fidelidade, o seu amor, a purifical-o das suas faltas e erros, a tornal-o mais semelhante ao seu Salvador, pobre e crucificado, e a fazel-o accumular ineffaveis thesouros de ventura na patria eterna! A Religião faz portanto o que lhe compete, occupando-se ainda mais, em relação á vida futura. Ninguém pode, justamente, queixar-se d'ella. Sejam os ricos bons christãos e logo serão caridosos; sejam os pobres bons christãos e logo serão pacientes; é n'isto que se cifra todo o mysterio!

CYRINEU





Historia de um rosario



ERA durante uma missão prégada em Londres, faz alguns annos: o padre Convay achava-se de visita na residencia de uma familia aristocrata daquella metropole.

A dona da casa levava ao colo, um modesto rosario que formava um grande contraste com os outros ricos adornos.

Como o missionario se mostrasse surprehendido, a nobre senhora lhe disse:

—Quereis sr. padre, ouvir a historia deste rosario?

—Com immenso prazer, respondeu o ministro de Deus.

—Então ouvi:

I

Antes de tudo devo dizer-vos que meu marido pertencia a uma das familias protestantes mais fanaticas, e minhas ideias não podiam ser mais erroneas a respeito dos catholicos.

Haviam-me ensinado que as qualidades caracteristicas delles eram a ignorancia e a idolatria: assim, pois, eu e meu marido procuravamos escrupulosamente que não houvesse um só catholico entre os nossos criados. Mas, eis que um bello dia a minha camareira dirige-se a mim e me diz mostrando um rosario:

—Vede senhora o que encontrei!

—Que é isso?

—E' um dos idolos dos papistas.

—Sim, não ha duvida. E onde o achaste?

—A' entrada do parque. A porteira disse que pertence a uma velha irlandeza que vem aqui todos os dias vender agrião.

Levei o rosario á sala de visita onde estava Henrique, meu marido com Clara a mais velha das irmãs d'elle: e enquanto nos riamos a valer das superstições de Roma annunciou-se nos a visita de duas senhoras. Continuamos examinando minuciosamente o idolo dos papistas: por fim exclamou Clara:

—Letty, faça vir, amanhã, essa velha á nossa presença para nos rirmos mais gostosamente ainda.

Concordei com o que Clara pedia e, depois de algumas vacilações Henrique concordava tambem. Convidámos as duas senhoras a assistirem á scena que tanto nos fazia rir. Um dos criados ficou encarregado de me trazer á presença a velha no dia seguinte.

De facto: muito cedinho nos reunimos na sala: eu, cá com meus botões, pensava ser facil converter a velha.

—Vejam-na, exclamou derrepente Clara e to-

dos nos precipitámos ás janellas de onde se avistava a velha acompanhada de nosso criado, discutindo, ao que parecia, com elle.

—Que quer a sua senhora commigo? ouvi-mol-a dizer em sua linguagem corrompida.

O criado abriu a porta, porém, ella hesitava e dizia:

—Eu entrar nesse magnifico palacio com meus sapatos cheios de barro?! Que a senhora venha aqui onde estou e me diga o que ha.

—Não, não, boa mulher, entre, lhe disse eu adiantando-me até á porta. Não lhe queremos fazer nenhum mal.

—Fazer-me mal a mim? Era só o que faltava! E quem neste mundo quereria fazer mal a esta pobre velha?

—Ninguem, por certo; porém, entre. Por fim deixou-se convencer e entrou.

II

—Boa mulher, não perdeste nada?

—Creio que não, senhora, nada tem que perder a pobre Maria Fernan (este era o nome d'elle).

—Creio que perdeste alguma coisa, o teu Deus talvez.

—Eu ter perdido o meu Deus. Elle, o Todo-Poderoso me livre de tamanha desgraça. Mas, que quer a senhora dizer com isso?

—Não te irrites, perdeste um idolo, isto é, um desses objectos, que vocês papistas, adorais, em uma palavra eis aqui o que perdeste. E lhe entreguei o rosario.

—Ah! a senhora o achou! Que Deus lhe recompense. Jamas me esquecerei da senhora em as minhas preces.

—Mas, não sabes que é peccado adorar os idolos?

—Eu não adoro idolos, replicou, ao resar o meu rosario e me explicou tambem a significação d'elle.

—Deverias ler a biblia, pobre creatura, então não te deixarias assim escravizar pelos curas. A devota irlandeza esquecendo a sua timidez, deu uma gargalhada e respondeu:

E' verdade, senhora, eu não sei ler uma só palavra, porém, conheço tão bem a minha religião como qualquer outra pessoa nella instruida. Compreendo perfeitamente que a senhora zomba-se de mim, porém, eis o que ensina o rosario e com voz alta, argentina e me olhando com olhos um tanto ferinos começou:

—Veja, senhora, este crucifixo? Pois bem, quando o contemplo lembro-me que Jesus morreu por mim no Calvario, lembro-me de suas chagas e de seus padecimentos e digo: Doce Jesus meu, não permittaes que eu vos offenda. Ah? si a senhora tivesse o retrato de uma pessoa querida, de um filho já fallecido, por exemplo, a senhora não o amaria tanto quanto eu amo este crucifixo?

E dizendo isto collou ardoroso beijo na cruz de seu rosario e proseguiu:

—Veja, agora esta conta grossa e estas tres continhas finas: ellas me dizem que ha um só Deus em tres pessoas. Veja estas seis contas e esta medalha em forma de um tabernaculo? Ah! talvez a senhora não saiba o que é um tabernacu-

lo ! Pois, é um logarzinho em nossas egrejas onde se guarda o SS. Sacramento. Ellas me lembram os sete sacramentos e um delles o maior de todos — a adoravel Eucharistia.

Todos a escutavamos attentos e Clara se tinha instinctivamente approximado da boa velha.

—E estas cinco dezenas, proseguiu a velha, me lembram os cinco mandamentos da Santa Madre Igreja e os dez mandamentos da Lei de Deus, mandamentos que observo escrupulosamente.

Todo o rosario se compõe de quinze mysterios em louvor a Mãe de Deus : cinco gozosos, cinco dolorosos e cinco gloriosos.

Por fim ella pronunciou com voz que ainda me soa aos ouvidos :

—Quando vou pelo mundo procurando ganhar a vida honradamente rezo os mysterios gozosos. Quando ganho pouco ou nada, tendo ás vezes que passar o dia sem comer nada, rezo os mysterios dolorosos, e quando logro triumphar do desasocego rezo os mysterios gloriosos.

III

Não era precisamente a scena que sonharamos. Todos a tinhamos escutado respeitosa-mente : Clara não podia reprimir as lagrimas.

Meu marido commovido disse : Basta, basta.

Eu perguntava de mim para mim si a religião da boa velha merecia mesmo o nosso desprezo.

Muitas vezes depois tive o prazer de ver a boa Maria Fernan, até que, um bello dia roguei-lhe que me desse de presente aquelle rosario o que ella fez com sorriso nos labios.

Emfim surgiu a aurora do dia feliz em que o padre X. me instrua para ser baptizada na Igreja catholica.

Quando esta felicidade foi para mim um facto consummado levei-a ao conhecimento de meu marido : jamais o vi tão irritado, porém, eu esperei e orei até que um dia elle me disse :

—Vae a tua igreja si é mesmo preciso, eu e os filhos iremos á nossa. Passou-se assim algum tempo até que um domingo lhe disse :

—Vem hoje á nossa igreja, Henrique.

Consentiu e antes de terminar o anno, tive a dita incomparavel de ver o meu marido e os meus seis filhos recebidos no seio da Igreja catholica, unica verdadeira.

—E a senhora traz sempre ao collo assim o rosario da irlandeza ?

—Sim, padre : e muitas vezes, nas recepções, quando examinam as contas de meu rosario dizem sorrindo :

—Oh ! que contas tão lindas. Vem das Indias ?

—Não, não vêm de tão longe.

—Mas são preciosas ?

—Sim, preciosissimas. Para mim valem milhares de contos. E depois conto a historia que acabais de ouvir.

VITA HUMANA

(ANTE UMA CRUZ)

Para o Rvmo. Mons. P. Barros

O berço ; os risos paternaes ; o canto
Da mãe que emballa carinhosamente
O baptisado ; as seducções, o encanto
Das primeiras palavras do innocente.

E depois os jardins ; a passarada,
As borboletas, e, ao tombar do dia,
Alguem que junto ao leito ajoelhada,
Ensina a balbuciar a Ave-Maria.

E a mocidade, os sonhos, a loucura,
Do pensamento atróz, o atróz supplicio
E o raciocinio, a sciencia que tortura
A intelligencia, o desespero, o vicio.

O abandono da fé, paixões, (tormentos
Que ás portas levam tanta vez do crime)
Depois já velho, os arrependimentos
E a religião que salva e que redime.

A vida humana se resume nisto.

Ai quem me déra caminhar vencendo
As tentações do mundo a que resisto
E descançar ao fim da vida, tendo
Vivido sempre sob a cruz de Christo.

BASTOS DA SILVA

PORQUE CREIO

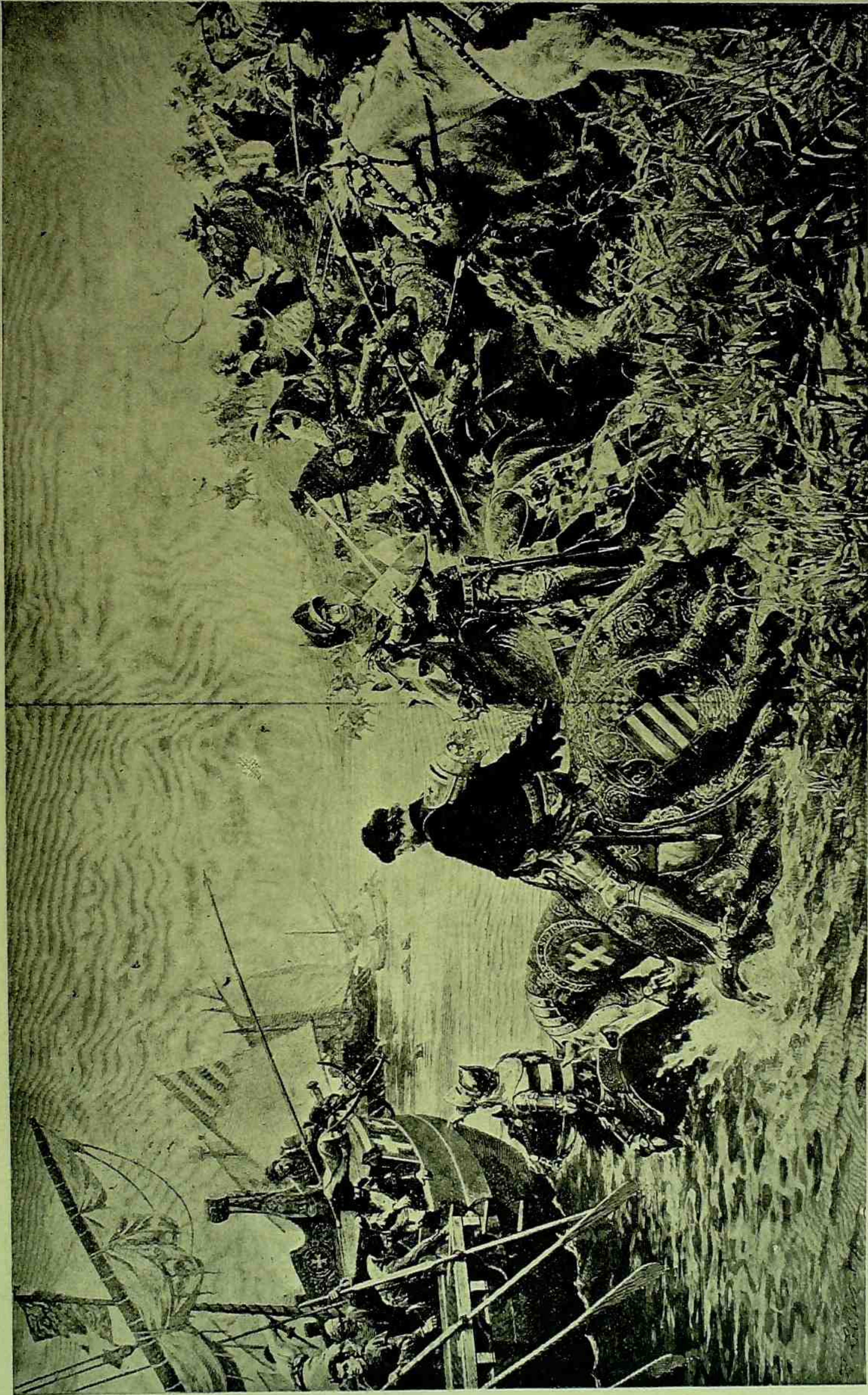
Outros vêem neste mundo só maldade ;
Por toda parte eu vejo a mão clemente
Que ás azas da aguia deu a imensidade,
E dá materno seio ao fragil ente.

Nem existe siquer, a tal bondade,
Um' exceção que ao homem descontente :
Quem p'ra desalterar a humanidade
Põe na colina a limpida torrente ;

Quem poz a verde relva aos pés da ovelha ;
Quem deu ao peixe o mar, e o mel á abelha ;
Quem á sêde dos olhos deu a luz ;

Si de eterno nos poz a sêde n'alma,
Que do berço ao jazigo nada acalma ;
E' que o céu cumpre o que promete a Cruz !

DARIO GALVÃO



SALVAÇÃO DE SEGISMUNDO, REI DE HUNGRIA

(QUADRO DE H. KNACKJUSS)



Educação e Educadores

X

Castidade e Força

A castidade casa-se bem com a força, porque surge como premio da força espiritual do homem que subjuga a carne com suas perversas inclinações ao imperio da razão e porque gera o habito da resistencia ao mal, accumulando reservas de energia para o dia das futuras provações.

Clinicos abalizados, como o Dr. Mantegazza, já exprimiram a idea de que a castidade é elemento de força, saúde e mocidade.

A castidade guarda o equilibrio do nosso systema nervoso, augmenta o vigor dos nossos musculos e harmoniza a vida funcional dos orgãos principaes.

O homem casto assenta com firmeza os pés, enquanto de porte erecto atira seus olhares vencedores pelo espaço além.

As faces coloridas, o sorriso dos labios, o relampago da claridade mental que brilha atraves dos seus olhos, o peito nobremente levantado e a silhueta definida e garbosa annunciam de longe os fructos da moderação dos desejos, mortificação dos appetites e victoria dos maos instinctos.

A castidade dá força ao *corpo*, força ao *intellecto*, força á *vontade*, força coordenadora á *vida*, e força immortal ao nosso *trabalho*.

O vicio contrario á castidade perturba o organismo, produz não raro doenças funcionaes no coração, porque este se liga pelo pneumogastrico e o plexo cardiaco do grande sympathico ao systema nervoso, e se retarda ou accelera o movimento do coração com symptomas morbidos na economia vital, de accordo com a maior ou menor excitação duma parte nervosa.

E não cabe duvidar que esta excitação depende do nefando vicio da impureza, grandemente.

Esta indicação sómente era sufficiente para significar a desorganização e consequente innervação do organismo, quando a impureza manda com o dominio despotico da sua soberania no homem.

A saúde desaparece quando os orgãos principaes se superecitam e anormalizam.

A castidade leva ao organismo a regularidade funcional.

A castidade dá vigor á *força abstractiva* da intelligencia, porque liberta o intellecto dos limites da materia.

A intelligencia pela castidade perfeita alonga melhor sua penetração e eleva-se com mais facilidade, livre das peias organicas.

A vontade então nesta victoria assignalada do espirito sobre a carne, robustece mais e se aparelha para resistir ás injunções extranhas ao direito, á moral e á religião.

A vida não é o vehiculo do prazer, mas o cumprimento duma missão pelo sacrificio e o dever.

O homem impuro estanca a fonte da vida, corrompe sua finalidade e desgoverna sua directriz.

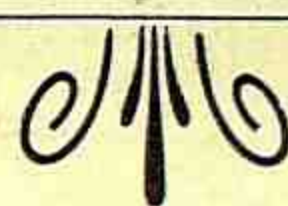
Finalmente o nosso trabalho pela castidade adquire valor moral, nobilitando-se em contacto com os intuitos mais nobres.

A castidade tonifica nosso ser, robustece o character, respeita a dignidade humana e proclama os direitos da lei superior sobre os caprichos da paixão.

P. F. O., C. M. F.



AMERICA DO NORTE CONTRA O BRASIL?



Estarão por certo os leitores lembrados de um tal pastor methodista que nos Estados Unidos se divertiu em architectar phantasias e calumnias ultrajantes contra o Brasil, nossos costumes, a sociedade brasileira e nossa educação moral. Em tempo, e em mais de um artigo, ponto por ponto refutámos as gratuitas accusações do methodista yankee.

Pois a semente perversa germinou, as aleivosas accusações se repetem atrevidas, não já apenas partidas de um despeitado pelas columnas de uma revista, mas solemne e abertamente expostas da tribuna de um Congresso—e, o que é mais grave, de um Congresso Religioso Pan Americano, como o que recentemente se realizou em Las Vegas, cidade do Panamá.

Os membros desse Congresso, reunidos em nome de Christo, timbraram em agredir o Brasil, nossos costumes e habitos religiosos, sociaes e domesticos, as classes de nossa sociedade e o nosso cléro. As accusações que contra nós ergueram, com fins inexplicaveis, chegaram ao extremo da vileza calumniadora, e não attingindo sómente a nós, brasileiros, mas a todo o continente sul-americano. Para esses oradores de tal Congresso, *sessenta por cento das mulheres do continente perderam a honra, o pudor e toda aspiração honesta.*!!! Vae alem e affirma o Congresso que na America latina «existe uma diffusão tão espantosa de molestias... vergonhosas, e tal estado de immoralidade, que a metade do numero das crianças são fructos de mancebias, sem paternidade conhecida»!!! Incrível, que taes infamias fossem affirmadas em um congresso, e demais a mais, religioso! Mas não foi só isso: os nossos *amigos* norte-americanos não se contentam com pouco, e foram além. Affirmaram que da America latina «a quarta parte da população é de filhos illegitimos; ainda: que a grande parte dos latino-americanos são pagãos, vivem mergulhados na embriaguez e na ignorancia,—e esses senhores, que taes asneiras e taes infamias andaram a dizer no Panamá, agora espalharam-se em propaganda e as vão repetindo e disseminando em conferencias e publicações pelos Estados Unidos!

Semelhante ultrage a nossa honra e a nosso bom nome poderá ficar impune? Um semanario catholico, *America*, contra essa campanha protestou, como protestaram alguns illustrados sacerdotes e escriptores da Companhia de Jesus. Mas ficará nisso a repulsa á aggressão?

Não é possivel. Tambem nós, tambem os brasileiros devemos erguer nosso mais solemne e formal protesto contra essa campanha de descredito que os senhores methodistas yankees entenderam mover contra a honra dos paizes catholicos da America.

E é curioso, que semelhante obra de diffamação e calumnia seja esposada e prégada na hora actual, em que tão palavrosamente se fala do congraçamento continental, fraternidade etc., e justamente em um Congresso *Pan Americano*... religioso!

JULIO TAPAJÓS

A doutrina christã sobre o fim do mundo e a astronomia moderna

Com a quasi repentina transformação da theoria geocentrica (a nossa terra centro do universo) na heliocentrica (o sol centro de gravitação para os planetas) a doutrina christã sobre o fim do mundo tornou-se a cruz do theologo que considerou como grata tarefa demonstrar nas contradicções apparentes a perfeita harmonia entre a fé e a sciencia. Após a victoria definitiva do systema de Copernico (o sol — centro da terra e dos planetas) sobre o ptolemaico vigorava incontestemente o axioma: pedras não podem cair do ceu; mesmo uns cem annos atraz incorrera na caçoada da gente e dos intellectuaes quem seriamente, a despeito da pseudo-sciencia se atrevera a affirmar que era possivel chegarem pedras dos abysmos do universo a esta nossa terra.

Em 1790, perto de Iuillac da Gasconha, na presença de 300 testemunhas oculares, cahiu do ceu uma pedra meteorica com enorme ruido e estrondo, estalos e detonações. Quando o regedor daquella localidade apresentou á Academia de Sciencias de Paris um protocollo sobre o phenomeno reconhecido e assignado pelas auctoridades competentes, o referente Bertholon ridicularisou perante aquelle areopago de intellectuaes da maneira seguinte o protocollo do regedor: «Quão é triste ver-se uma municipalidade inteira authenticar com todas as formas legais credices populares por um protocollo cujo conteudo sobre ser absurdo e ridiculo, move ainda á compaixão! Que hei de acrescentar a um tal protocollo? Todas as demais observações a respeito, para um homem de certo cultivo philosophico, são superfluas. O protocollo é testemunho authentico de um facto evidentemente falso, de um phenomeno physicamente impossivel.»

E' assim que falou a Academia de Sciencias de Paris e ao seu veredictum numerosas pedras meteoricas de subido valor scientifico haviam de deixar os museos, porque teriam estado ahi como testemunhas de «contos de carochinha.» Hoje em dia o laudo da pseudo-sciencia está revisionado.

Astronomos de todos os matizes scientificos falam-nos de catastrophes cosmicas capazes de acabar com o mundo.

Somo-lhes sinceramente gratos por fornecerem-nos o material e darem-nos a chave na mão para se comprehenderem a fundo os oraculos divinos sobre a catastrophe mundial sob o ponto de vista empiristico-racional.

Supponhamos, aliás de concerto com as normas da sabedoria divina na direcção do universo, — que Deus para a realisação de suas prophecias não se sirva de um imperativo categorico, e sim de causas intermediarias, podemos estabelecer, segundo os resultados da astronomia moderna, varias possibilidades do acabamento do mundo. Só aquellas entrarão em conta aqui que são as mais ap-

tas para a explicação dos divinos oraculos sobre a catastrophe mundial: a possibilidade de um choque central da nossa terra com uma *nuvem de pedras meteoricas* ou com um cometa.

O celebre astronomo italiano, cathedratico Schiaparelli de Milão, por suas exactissimas experiencias, demonstrou que as estrellas cadentes estão em parentesco muito chegado com os meteoros e os cometas e sempre juntamente com os cometas percorrem a mesma orbita. Tambem as estrellas cadentes que temos tantas vezes ensejo de observar são corpos celestes de minusculos tamanhos que ao penetrarem na coraça atmospherica da terra se encandecem e por sua miudez totalmente se dissolvem em pós cosmicos. Ora sabemos, conforme ensina a astronomia, que não somente uns blocos avulsos, esporadicos, provin-do das profundezas dos infinitos abysmos das regiões das estrellas fixas vagueam errantes em trajetorias hyperbolicas pelos espaços infindos, sino tambem densos cardumes de meteoros em agrupamentos orbiculares atravessam o globo celeste em todas as direcções. Dado o incessante e constante deslocamento do nosso systema solar por, annualmente, 100 milhões de milhas geographicas, não temos garantia nenhuma contra a aproximação, na nossa jornada pelo universo, de taes massas cosmicas, que bem poderiam invadir, em forma de agigantados cometas, nosso systema planetario. Então poderia dar-se o que o sabio jesuita Epping, celebre astronomo e physico, com tão vivas tintas descreve: Que seria, pergunta elle, se uma densa nuvem de meteoros se arremessasse directamente contra nossa terra? De facto, poderia bem ser que se cumprissem as prophecias do Senhor: Logo após as tribulações daquelles dias o sol se escurecerá, a lua não dará mais sua luz, as estrellas cairão do ceu e os fundamentos dos ceus se abalarão. Quantos «iluminados» dos seculos passado e atrazado, «dos cimos das luzes da epoca moderna,» ridicularisaram essa passagem de absurda e disparatada, e que vulto toma agora, na actual altura da sciencia moderna? Si os meteoros, no plano da ecliptica (orbita apparente do sol em volta da terra ou verdadeira orbita da terra em volta do sol) passam em densos cardumes entre a lua e a terra, então nada mais natural do que o escurecimento do sol e da lua; chuvas de e-trellas cadentes então tambem não faltarão.

Quanto ao abalo «das virtudes dos céos», é preciso sómente, por hypothese, suppor que uma nuvem cuja massa orça em um millesimo da massa da lua, se precipite em sentido opposto e com velocidade usual de 6 milhas por segundo, e teriamos uma revolução na nossa atmospherica de proporções e horrores inconcebiveis para a nossa imaginativa. Uma tal massa produziria de uma feita um calor, capaz de derreter completamente em agua uma bola de gelo de cinco grãos debaixo de zero e do tamanho da nossa terra.

A atmospherica não se desequilibraria?

Melhor ainda se harmoniza o quadro da revelação sobre a transformação do mundo na hypothese duma queda de cometa sobre a terra.

Supponhamos que o nucleo ou a cabeça do cometa que fira a terra, tenha um diametro de

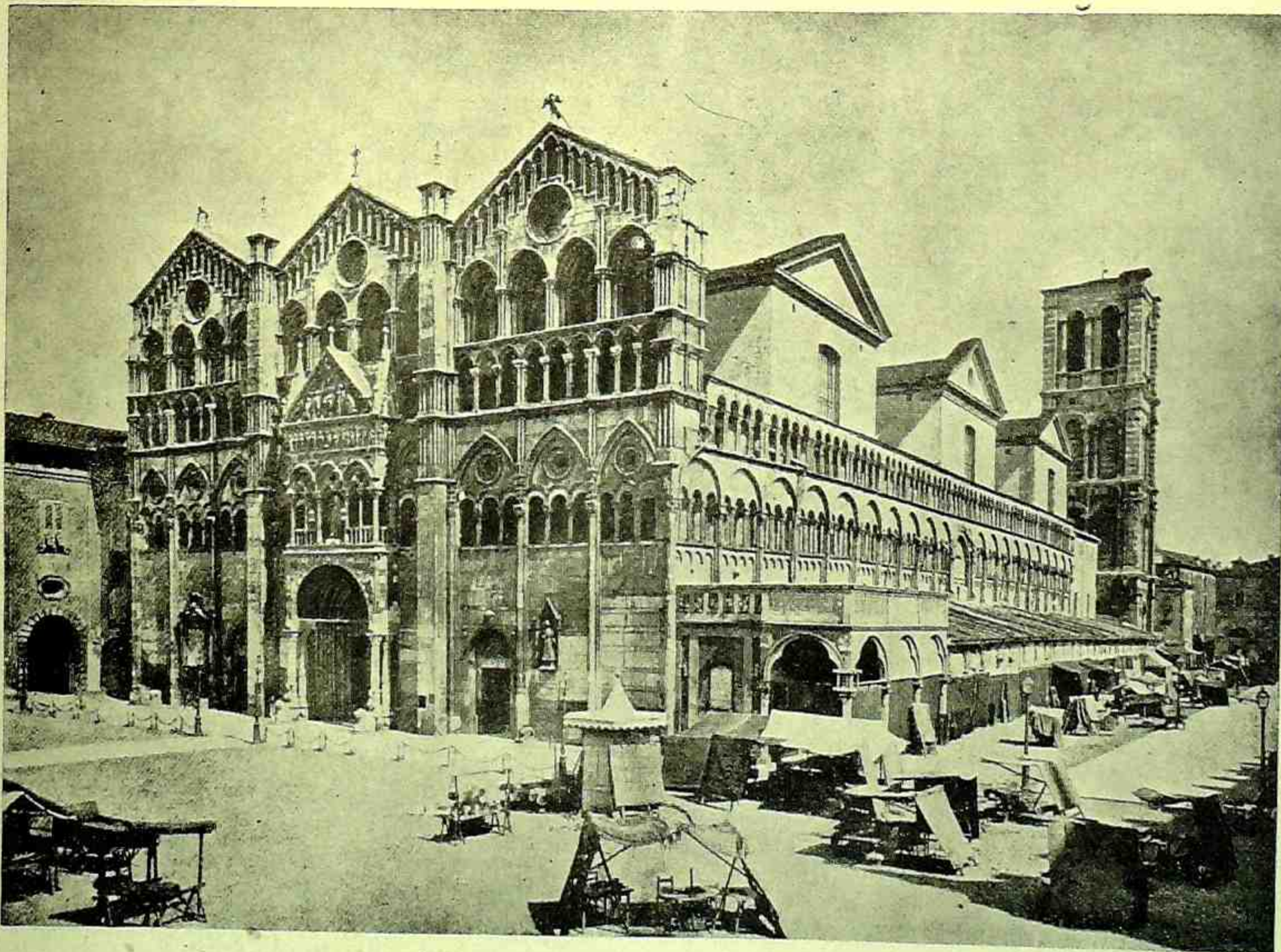
umas centenas de kilometros. Nisso não faz ao caso o nucleo constar de uma massa compacta ou constituir um conglomerado de corpusculos de diferentes tamanhos. Logo que o cometa se approximar da terra, far-se-á sentir sua nefasta influencia. Tanto na atmosphaera como na hydrosphaera, nos oceanos, levantar-se-á um vagalhão de monstruosas dimensões cada vez mais crescente. Furações de phantastica violencia se levantarão e o mar desequilibrado pela força de attracção do cometa innundará os continentes. Horrosos, porém, hão de ser os estragos se o cometa penetrar na atmosphaera, mormente, se se precipitar como é provavel, não em linha recta e sim numa espiral sobre a terra. Pelo attrito ao ar o cometa encandece, põe-se em brazas ou em gazes candentes. Sua superficie estalará, lançando chispas, chamas e bolas de fogo em todas as direcções. A atmosphaera se incendiará e turbilhões em furiosa carreira alastrarão com irreprimivel impeto morte e destruição por toda a parte. A crosta da terra, pela acção directa da massa do cometa e pelas alterações enormes de pressão das aguas e dos continentes, se movimentará, se convulsionará; enormes tensões se soltarão e poderosissimos terremotos abalarão a crosta da terra que quebrará em mil pedaços despejando os vulcões como mil gargantas, fogo e morte, destruindo num momento todas as obras humanas...

S. Pedro parece, em espirito prophetic, copiar ao natural a catastrophe final da era terrestre quando escrevia: Virá pois como o ladrão o dia do Senhor, no qual os céos passarão com grande impeto e os elementos com o calor se dissolverão, e a terra e todas as obras que ha nella se abraçarão. II Petr. 3.10.

Não sabemos, é verdade, si Deus desta ou doutra maneira fará cumprir suas prophecias sobre o fim do mundo. O que é certo é que entre os resultados das investigações modernas e as verdades da nossa religião não ha conflicto, e sim a mais perfeita harmonia.

EXGÖTTOU-SE A EDIÇÃO

Do Caminho Recto e o Devoto Josephino



FERRARA - CATHEDRAL - SECULO XII

Favores do Coração de Maria

E DO VENERÁVEL PADRE CLARET

S. PAULO — Vicente Domingos da Silva: Grato por favores que obtive, venho offerer \$500 para o Santuario do Immaculado Coração de Maria.

SANTOS — Uma assignante: Cumprindo promessa que fiz, e agradecendo favores recebidos, envio 9\$000 para a celebração de tres missas: uma em louvor do Immaculado Coração de Maria, outra em honra da Immaculada Conceição, e a terceira, no altar de S. José, rogando pelo eterno descanso do sr. José de Moura; e 1\$000 para accender uma vela no altar da Immaculada, por favores que ainda espero receber.



SOROCABA — Menino Caetanino Rodrigues, favorecido pelo Coração de Maria.



PONTA GROSSA — B. M. R.: Venho testemunhar a minha gratidão por dois favores que obtive do Coração de Maria. Bemdicta seja a «Consoladora dos afflictos»!

ARARAQUARA — Maria Eliza: Declarando minha enorme gratidão por ter meu filho sido feliz na sua viagem a Europa, tomo uma assignatura e entrego 2\$000 de esmola.

ALEGRETE — Rita M. Freitas Valle: Confesso-me agradecida por ter sarado meu marido dum grave incommodo, e mando celebrar uma missa nesse Santuario. — Luiza Valle Medeiros: Venho externar a minha gratidão por ter meu pae se restabelecido dum molestia e faço celebrar uma missa no Santuario do Coração de Maria. — Ottilia B. Fernandes: Tendo alcançado, por meio da novena das «Tres Ave Maria», o

feliz restabelecimento do sr. cel. Freitas dum perigosa doença, quero patentear o meu reconhecimento.

FAXINA — Fortunata Ferrari de Carvalho: Em transbordos de jubilo, venho confessar o meu grande reconhecimento por dois particulares favores que obtive do Coração de Maria.

ITATINGA — Etelvina de Paula Santos: D. Cecilia Scudelari Meneghesso, tomada de sincera gratidão por se ver attendida num voto que fez, dá 5\$000 para ser dita uma missa em honra do Coração de Maria e 2\$000 para velas. — Remetto, outrosim, 3\$000 para a celebração dum missa por alma de Benedicta M. Santos.

ITAPETININGA — Escolastica de S. Moraes: D. Aurea de Barros vem patentear sua sincera gratidão por ter sido bem succedido um seu filho numa operação cirurgica, e toma uma assignatura da «Ave Maria» e dá 1\$000 para a devida publicação. — Uma devota agradece tres importantes graças que recebeu por intermedio da Virgem Santissima. — Uma Filha de Maria confessa-se muito penhorada por ter sarado dum forte nevalgia.

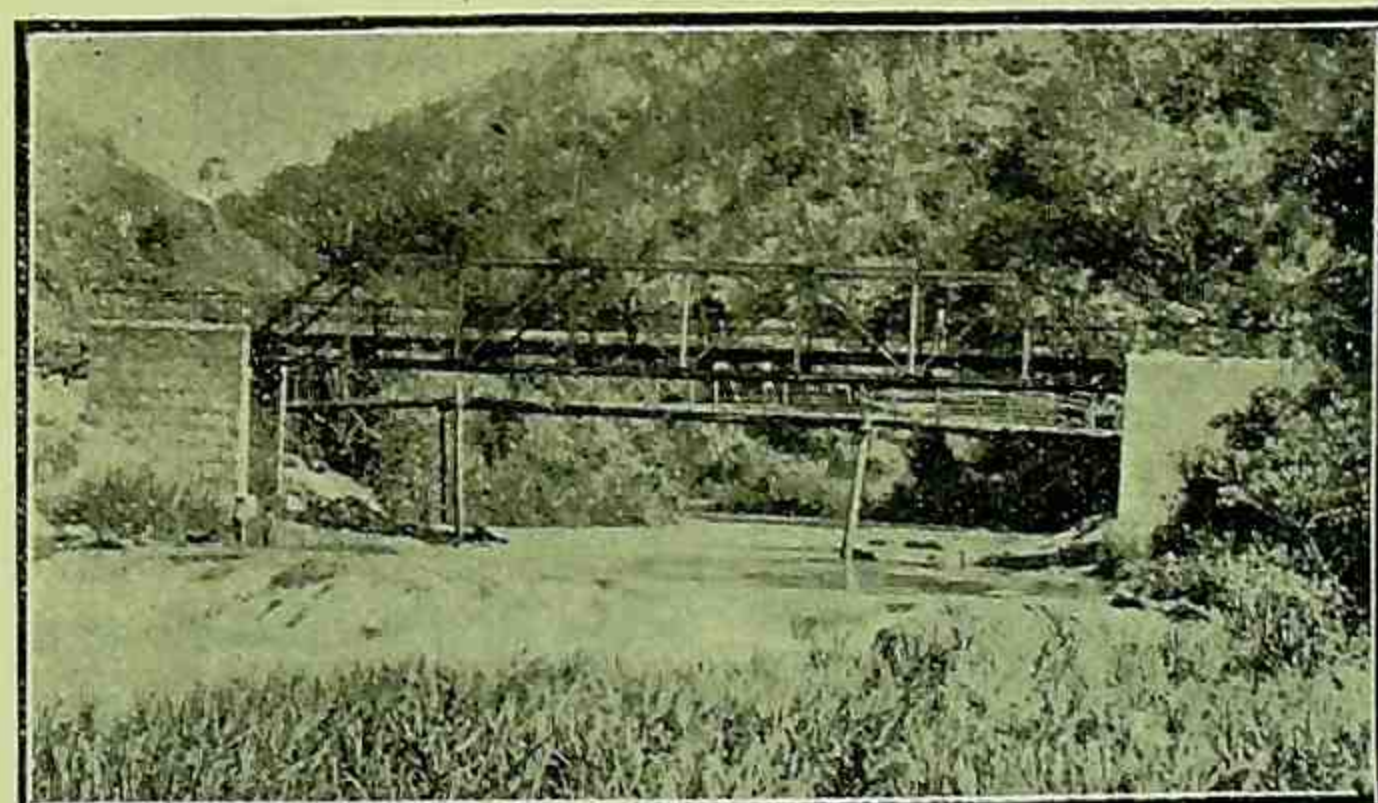
MOGY DAS CRUZES — D. Maria Ferraz, em agradecimento, ao Purissimo Coração, por uma graça alcançada, assigna a Revista «Ave Maria». — D. Benedicta Coelho Borges, immensamente grata ao I. Coração de Maria por ter sarado dum ferida na perna, entrega a importancia de 1\$500, sendo 1\$000 para a publicação e o resto para accender umz vela. — D. Maria Franco de Mello vem agradecer muitas graças alcançadas do bondoso Coração de Maria. — D. Deolinda Malvina de Oliveira Sodré entrega a importancia de 7\$000, esmola destinada para o culto do Purissimo Coração de Maria.

JACAREHY — D. Claudina Siqueira, tendo sido favorecida pelo I. Coração de Maria, agradece, reconhecida, essa mercê e como prova de gratidão pede a publicação na «Ave Maria». — D. Fausta Martins, tendo feito um voto a beneficio de Antonio Soares de Carvalho Filho e sido attendida cumpre a promessa de assignar a «Ave Maria» a nome do feliz favorecido.

CASCAVEL — Annibal Bernardino: Por ter sarado dum angina guttural completamente, muito penhorado, quero cumprir a promessa que fiz de tomar uma assignatura na «Ave Maria». — Henriqueta Breves: Por ter sido attendida na pessoa do meu filho José que curou dum pertinaz enxaqueca que vinha padecendo, trato de externar meu reconhecimento. — Maria da Rocha Gonçalves Chagas: Renovo a minha assignatura em agradecimento de tres importantes favores que obtive pelo intermedio do maternal Coração de Maria.

CARACÓL — Maria Augusta Barreto Pontes: Tendo sarado de grave enfermidade dos intestinos, grata, dou 1\$000 para velas ao Coração de Maria. — André Stivani: Agradecendo diversas graças que obtive por intermedio do bondoso Coração de Maria, dou 5\$ afim de reformar a minha assignatura, 3\$000 para uma missa e 2\$000 para velas.

ITAPIRA — Francisca L. Oliveira: Reconhecida por varias graças recebidas por intermedio do maternal Coração de Maria, e particularmente por ter sido feliz minha filha no dar á luz, prometto de assignar a «Ave Maria» por todo o sempre.



Ponte metallica sobre o Rio Xopotó

A velhice do incredulo

ME compadeço grandemente dos infelizes incredulos, e isso não sómente por sua alma, cujo eterno destino é desgraçado, pelo facto da incredulidade, mas ainda por seu proprio bemestar n'esta vida, cujos unicos consolos derradeiros são os proporcionados pela Religião.

Não, leitor meu, não vale a pena ser impio e descrente; nem para a felicidade eterna da outra vida, que é a que mais nos interéssa, nem mesmo para a presente felicidade temporal.

Vive-se melhor crendo, amando e practicando fielmente o que se crê.

Melhor se vive, e principalmente, melhor se morre.

Para toda idade, infancia, mocidade, virilidade, e velhice, ah! para todas, é muito melhor crêr; oh! sim, é muito melhor.

Mas, d'um modo particular, na velhice, na fria e desoladora velhice, oh! então é lastimosa e miserabilissima a condição do homem sem fé.

A mocidade tem suas falsas desculpas, que embora esfarrapadas e vãs, comtudo explicam o grave mal da irreligião.

As paixões do moço são orgulhosas e rebeldes á toda imposição e ao freio moral.

São ardentes e impetuosas, arrastam o coração e não deixam sentir tanto o vacuo desconsoador.

A ambição, a cobiça, o amor, imaginam os moços que só essas paixões são suficientes para a satisfação completa da existencia terrena.

De nada mais se importam, porque julgam que de mais nada precisam.

E' verdade que isso é illusão e phantasia, porém as phantasias, varias vezes, embriagam, fazendo o homem acreditar-as realidades.

E emquanto dura a embriaguez, a creatura não pensa, e se julga feliz, embora tal felicidade seja ephemera como a espuma das ondas do mar.

Isso não desculpa as extravagancias e erros da rapaziada, porém explica-os e os faz comprehensíveis ao observador e aos que conhecem as fraquezas do coração humano.

O que não se comprehende, nem se explica é a incredulidade no ultimo descambar da existencia, o coração sem fé e sem Deus, debaixo das nevadas cans da velhice.

Haverá mesmo incredulo na velhice? perguntará alguém, com assombro.

Ah! por desgraça ha muitos!

Declaro-o diante de Deus: de todas as misérias moraes que tenho prezenciado na vida, nenhuma me fez estremecer com mais pavor do que essa:

Vêr um homem a quem tudo abandona no mundo, diante do qual todos fogem, que dentro de poucos mezes ou poucos dias será devorado pela morte... e... que... cousa horrorosa! nada crê! em nada espera!

Que horrivel deserto, que secco areal deve ser o coração d'esse homem, disse-me eu, vezes varias, ao pensar nas negras fonduras da alma, d'esses velhos sem Deus.

O que póde consolar a esse infeliz? que ideal illuminará aquella existencia? que esperanças sorrirão á sua alma? que mãos piedosas se estenderão para amparar seus passos vacillantes?

Nada dos encantos da vida, porque os desenganos já os murchou e a existencia está a terminar.

Nada de esperanças futuras, porque a velhice fechou todos os horizontes, desde que não existe a fé no sobrenatural.

Os velhos, por mais respeitavel que seja sua velhice debaixo de qualquer titulo, não passam de ruinas humanas.

Ruinas de alguma cousa que existio, mas que já começa a não mais existir; ruinas que o tempo cruel começa a desmoronar; ruinas que a morte acabará de riscar da terra, dentro de breves dias.

Essas tristes ruinas, quando o velho tem a fé, a Religião as envolve e abraça tão amorosamente, doura-as com tão formosos resplandores da luz da vida futura, que parecem-se com o brilho do sol poente, porque ha occasos tão magnificos, como as mais brilhantes auroras.

Assim como dizem que se não houvesse Religião, deveria haver, ao menos para os pobres e atribulados, do mesmo modo poderemos affirmar que se em outra quadra da existencia o homem pudesse dispensar a fé, não o poderia, na velhice.

(CONTINÚA)

Dr. F. S.

CATECHISANDO ...

JURAMENTO

JURAR é pôr Deus como testemunha do que affirmamos o negamos, e assim é uma verdadeira invocação de Deus pedindo que seja testemunha de alguma coisa. Esta invocação é muito digna de todo respeito; mas, como os homens poderiam illudir-nos, recorreremos a ella nos casos difficeis, pedindo que seja testemunha da verdade o mesmo Deus que não pode nos illudir. O juramento é de diversas maneiras: As mais ordinarias e communs são: *assertorio*, *promissorio*, *execratorio* e *comminatorio*, segundo, com auxilio do mesmo juramento, se affirme ou negue alguma coisa, se prometta algo, se ameace ou se invoque a Deus como vingador no caso de se faltar ao mesmo juramento.

Os juramentos, de qualquer classe que sejam,

podem ser verdadeiros ou falsos, justos ou injustos, necessários ou não necessários, e isto é o que queremos explicar.

JURAR EM VÃO

Jura em vão aquelle que jura sem verdade, sem justiça e sem necessidade. E' pois preciso, para jurar bem, que acompanhem o juramento a verdade, a justiça e a necessidade.

Jura-se com *verdade*, quando se diz clara e simplesmente aquillo mesmo que se sente, affirmando o certo como certo e deixando duvidoso aquillo de que se duvida. Disto segue-se que podemos affirmar com juramento as coisas, das quaes temos um conhecimento certo, porque as vimos, ouvimos, tocamos e experimentamos; porem, não aquellas que sabemos apenas pela relação de outros, conquanto nos pareçam sinceros e verazes; porque esta sinceridade e veracidade não nos fornece a certeza, que pede o juramento; porque elles podem ter sido illudidos ou podem intentar illudir-nos. Todavia muitas coisas ha que devemos crêr com certeza, por motivo de ser commum e geral a relação que dellas nos fazem, como a existencia de Roma, Pekim; mas estas verdades não devem ser materia de juramento nenhum, porque aquelle que não quizer acreditar, pode vel-o por seus proprios olhos, indo áquelles lugares.

Jura-se com *justiça*, quando é lucito e honesto o motivo do juramento, e é coisa boa aquillo que se promete no juramento promissorio; si, porem, é coisa má, o juramento é illicito, porque não só promete-se fazer o mal, mais ainda exige-se que Deus seja testemunha e como fiador do mal que se promete fazer.

Mais de quarenta judeus tinham-se juramentado promettendo não comer nem beber até ter assassinado Paulo. Este foi um juramento injusto e cruel, e por conseguinte nullo.

Jura-se, finalmente, com *necessidade*, quando somos obrigados pelo juiz ou por alguma auctoridade legitima; ou quando é necessario e de grande importancia que a gente dé crédito ao que dizemos. Ainda então devemos jurar com um santo tremor, porque vamos tomar um Deus para testemunha e como fiador do que dizemos. Eu juro, dizia Santo Agostinho, mas isto faço quando me julgo obrigado por alguma necessidade, e faço-o sempre com tremor.

Quando acompanham o juramento as trez predictas condições, o juramento é um acto de Religião, com o qual honramos a Deus, reconhecendo nelle a verdade infallivel. Assim vemos que juraram os Patriarchas, os Prophetas, os Apostolos e os Evangelistas, quando o julgaram conveniente para induzir o povo a crêr as verdades que annunciavam, escreviam ou pregavam. Juraram os Anjos para confirmar a verdade dos mysterios que revelavam; e o que mais é, o mesmo Deus jurou algumas vezes; mas como tivesse nenhum superior por quem jurar, diz São Paulo que jurou por Si mesmo.

Quando, porem falta alguma ou algumas das condições predictas, o juramento é um peccado. Si falta a verdade, é sempre peccado mortal co-

mo fica assentado. Si falta a justiça em coisa grave, é tambem peccado mortal; mas si é em coisa leve, será só peccado venial, segundo muitos Auctores. Finalmente si falta a necessidade, será peccado venial sempre que o costume de jurar o não faça mortal pelo perigo de jurar sem verdade e sem justiça, o que é natural que aconteça aos costumados a jurar.

DR. G. M.

Charutos no tombadilho

UM romance da vida real, é narrado da seguinte fórma:

Singrava o Oceano Indico, a uma velocidade média o paquete "Osiris" demandando a Australia.

O dr. Smith, passageiro, subiu ao tombadilho e poz-se a passear de um lado para outro, gosando as virações marinhas. Em sua cabine fazia oppressivo calor, e não podendo conciliar o somno, resolvera subir para fumar um charuto ao ar livre.

As estrellas tinham um brilho apagado, a chaminé e os mastros do navio tinham aspectos espectraes que lhe davam o luar.

O dr. Smith admirava-se de ter, por tanto tempo, supportado o calor da cabine, que haveria de melhorar, com o grande goso de um charuto no tombadilho do "Osiris".

Inopitamente viu que não estava só. Um sombrio vulto surgia pela escada. Querendo evitar-lhe a companhia, o sr. Smith poz-se a passear inclinando-se depois ao peitoril da grade que circunda o tombadilho.

Voltando-se pouco depois, viu á sua frente um companheiro de sua viagem que soffria de "delirium tremens".

—Olá, doutor! exclamou o recém-vindo, alegremente. Sabe o que vou fazer? Vou torcer-lhe o pescoço e jogal-o fóra do navio.

Seguindo a acção á palavra o maniaco agarrou o dr. Smith em um pulso de ferro.

Seguiu-se uma luta tremenda.

Vendo o terrivel perigo que o ameaçava, o medico luctava com desesperadora energia para abater o seu contendor, mas tudo foi baldado. Parecia uma criança nas mãos de um homem robusto.

Com esforço sobrehumano, o maniaco ergue o dr. Smith no ar e o poz fóra da grade.

—Comprehende? gritava elle; vou jogal-o ao mar.

O coração do doutor quasi deixou de bater. Não havia pessoa alguma que o pudesse soccorrer. Assaltou-o, então, uma idéa:

—Muito bem, meu velho.

Antes disto porém vamos beber um pouco.

—Bravo! replicou o maniaco, repondo o dr. Smith no tombadilho e encaminhando-se para a adega.

O dr. Smith, correu para a cabine e nunca mais sahio á noite para gosar os seus charutos no tombadilho.

Dinheiro de S. Pedro

Somma anterior	215\$800
Donativos semanaes	
Caixa da Egreja	11\$000
Recolhido no Sabbado	2\$500
Administração da «Ave Maria»	\$500
Missionarios do Coração de Maria, S. Paulo	\$500
Missionarios de Corityba	1\$000
Cathecismo de Meyer	1\$000
Santuário de Meyer — Rio	1\$000
Conferencia S. Vicente de Paulo — Egreja das Dores — Porto Alegre	1\$000
Apostolado de Livramento	3\$000
D. Eulinia Bastian (Livramento)	1\$000
Comferencia S. Vicente (Coritiba)	1\$500
Exmo. Sr. Barão de Amaral	1\$000
Donativos extraordinarios	
D. Isolina Maria (S. Paulo)	7\$000
D. Anna Cintra » »	5\$000
Sr. Alvaro Lobo (Lafayette)	5\$000
Sr. Lourenço Cordeiro (S. José dos Campos)	2\$500
Rvmo. P. Capellão (Sta Casa)	3\$000
Total	263\$300

De nossos correspondentes

PELOS ESTADOS...

PONTE NOVA (Minas)

A 2 do corrente mez, realisou-se a festa do Coração de Jesus. Precederam a esta festa, as solemnes novenas, com a benção do S. Sacramento, e com os actos de desagravo e consagração.

A's 5 1/2 da madrugada, daquelle dia, o illustrado Vigario José Maria Parreira Lara, celebrando a visitação de Maria Santissima á sua prima Sta. Izabel, fez allusão á coincidência da festa de hoje, com a do Coração de Jesus, encerrando, ambas, num mixto do verdadeiro amor de Deus para com a humanidade.

A's 10 1/2 do dia, o Rvmo. P. Luiz de Figueiredo, celebrou a missa conventual, e, ao Evangelho, discorreu sobre as ovelhas separadas do rebanho do Senhor. Em seguida á missa, houve a solemne posse da nova directoria das Damas do Coração de Jesus.

A's 5 horas da tarde, em sahindo a procissão da Matriz, percorreo, na melhor ordem, as principaes ruas, estando as Damas do Coração de Jesus com os seus vistosos uniformes, em duas extensas alas, e, no centro, o andor, artisticamente enfeitado, conduzindo a imagem do Coração de Jesus, carregado por quatro das mais possantes Damas.

Ao entrar a procissão, assomou á tribuna sagrada, o Vigario Parreira Lara, que produziu uma bellissima oração sobre a creação do homem, sua queda e ingratição, fazendo Deus, como que arrepende-se de ter creado tal creatura; todavia este arrependimento não impediu, elevando extraordinariamente a creatura humana, fazer com que o seu Unigenito Filho tomasse a carne humana, sobrepondo a sua infinita misericórdia á justiça. Jesus nessa bemdicta pugna pela salvação dos homens, esgotou o seu precioso sangue, cujas ultimas gottas, cahidas em consequencia da perversidade de Longuinhos, cégo pelos erros, e recuperando a vista da conversão, em virtude do sangue em si cahido. Demonstrou a acção do sangue no coração, e que no Coração de Jesus, como em bemdicto cadinho, refundem-se todos os corações dos homens.

Citou factos comprobatorios desse amor, com Margarida Maria Alacoque e outros. Que livres pensadores de França, ingratos, pretenderam apagar os astros celestiaes, no intuito de impedir a pontaria dos Zepelins, assim como expulsaram as humanitarias congregações religiosas, no intuito de impedir a propagação das verdades religiosas. Os das congregações, na actual emergencia da conflagração Européa, estão se mostrando verdadeiros patriotas nos sangrentos campos de batalha, pensando e absolvendo os innumerados feridos, enquanto os livres pensadores, em seus commodos gabinetes, redigem noticias exageradas para o resto do mundo. Recorramos, nessa emergencia, ao Coração de Jesus, a verdadeira fonte de paz e reconciliação.

Essa encantadora festa, foi abrilhantada pelo Côro e banda—“Ceciliana”, uma das principaes do Estado.



CHRONICA SEMANAL

De algum tempo para cá a imprensa e varias companhias interessadas no assumpto parece estarem a fazer pressão sobre os nossos poderes publicos a fim de que não fique em boas palavras e bonitas promessas a exploração das minas do nosso carvão nacional. Pode o Sr. Paulo Abrantes repetir suas viagens ao Rio afim de conferenciar com o Sr. Arrojado Lisboa e com a commissão do Club de Engenharia sobre as vantagens do carvão da zona do Rio do Peixe, com o qual já a São Paulo Railway tem feito magnificas experiencias; pode o Sr. Abrantes elogiar as qualidades excellentes do mesmo, até collocar-o por cima do carvão norte-americano e do de Cardiff; pode multiplicar as experiencias ou nas barcas da Companhia Cantareira, ou na Companhia Sorocabana, nem que tome como campo de experiencias um trecho, tão difficil para o trafego pelas numerosas rampas que as locomotivas devem vencer, como o comprehendido entre Mayrink e São João; podem ficar todos grandemente satisfeitos dos resultados obtidos; perde miseravelmente o seu tempo e o seu iatim, e deve se contentar com ficar muito satisfeito com a boa vontade que tem encontrado da parte dos poderes publicos na exploração de suas minas.

Está claro. Os nossos homens são politicos e estão convencidos de que para salvar a nossa patria, para desenvolver a nossa riqueza, para tornar independente, financeira e economicamente, o nosso Brasil, não é da administração que devemos deitar mão, sinão da politica; esta é a grande arma, e em consequencia, viva a politica! e ahí está o lema: *muita politica e pouca administração*, nem que vamos ao fundo do abysmo.

Mas e a nossa politica em que consiste? No que infelizmente sempre degenerou esta palavra quando não se fez conta da voz dos moralistas, dos philosophos e dos verdadeiros homens de Estado, em bandorias politicas, divisão de intenções, choques, ás vezes sangrentos, de interesses encontrados e nem sempre legitimos. E tudo porque

frequentemente julga-se, ao menos na pratica, que os preceitos desta arte ou sciencia, que se diz a *politica*, exprimem não já os interesses da sociedade toda, sinão os interesses pessoais e immediatos dos dirigentes, e em consequencia a politica não passa dum jogo entre os depositarios e os agentes do poder por meio do qual, ajudados de toda classe de expedientes e astucias procuram conquistar, conservar e augmentar o poder. Não é outra a causa dessas scenas tão pouco edificantes que amiudadamente presenciemos nas nossas Camaras.

Pouco se importam alguns dos representantes do povo com as graves necessidades que affligem aos seus representados; mas sim se importam e muito dos 75\$000 ou 100\$000 reis diarios que tiram as suas venerandas pessoas das angustias em que vem-se os lorpas que nelles depositaram a sua confiança; mas sim se importam com a honra e pessoa de quantos cahem em seu desagrado. E nesse agradável entretenimento vão-se exgotando as sessões.

Vejam sinão o que está acontecendo com o Sr. Nicanor do Nascimento, no Congresso federal.

O Sr. Arrojado Lisboa, que na administração da maior estrada de ferro do paiz, tem se manifestado um funcionario superior, um perfeito cavalheiro e não um troca-tintas vulgar, por não ser pessoa grata para o Sr. Nicanor, está sendo o objecto, ha dias, duma serie de objurgatorias as mais violentas, insultos e baldões os mais soeces. O Sr. Nascimento esquece que o Dr. Lisboa é pessoa da immediata confiança do Presidente da Republica que nesse posto collocou-o, diziam os jornaes, para dar um concerto ás arbitrariedades e desperdicios criminosos da administração Frontin, e que em consequencia os insultos dirigidos ao Sr. Arrojado Lisboa não podem deixar de reflectir na propria pessoa do presidente, para o qual o deputado carioca tem os mais bellos adjectivos, e a quem, no entanto, devia atacar pela solidariedade que empresta aos actos de seus subordinados. Não se vá pensar que Nicephoro condemne ao Dr. Paulo Frontin em todos, nem na mór parte dos cargos contra elle lançados, pois sabemos que não tem livre acção na gerencia da Estrada Central quem publicamente passa como seu Director, e que esta foi a causa porque individualidade bem conhecida não quiz ir para esse posto; e sabemos mais que o Dr. Frontin nem sempre podia fazer o que elle julgava necessario e que mais de uma vez devia abrir ou crear vagas porque o verdadeiro Director assim o queria.

E no Senado Federal? Si devemos dar credito a varios órgãos da imprensa da Capital Federal, nessa casa impera o negociismo vil, já que achou-se modo de legalizar um amontoado de fraudes para sentar numa de suas cadeiras o rei dos negociistas; instituiu-se o regimen da rolha, que nunca naquella casa tinha sido posto em pratica, nem mesmo nos periodos de luta mais apaixonada. Havia, entre outros, dous dignos Senadores que sabiam-se sêrem contrarios ao reconhecimento do Sr. Ireneo Machado, e num golpe de força a mesa do Senado entendeu aproveitar a ausencia desses dous srs. senadores, Alfredo Ellis e Eptacio Pessoa, para encerrar, á ultima hora, a discussão do celebre parecer da Comissão de Poderes. E assim tendo

conseguido o Sr. Abdon Baptista prorogação da hora, em dado momento deu por concluida a sua arenga colhendo de surpresa os adversarios do parecer quando a Camara via-se innibida de ouvir os senadores contrarios ao reconhecimento, por obra do tranpolineiro Sr. Raymundo de Miranda.

Como consequencia desta immoralissima tarefa, o Senado, diz a "Gazeta de Noticias" consummou a *suprema immoralidade do reconhecimento do Sr. Ireneo Machado*, como senador pelo Districto Federal por 32 votos contra os dos srs. Milciades de Sá Freire, Erico Coelho, Ribeiro Gonçalves e Alfredo Ellis.

Proclamado senador o Sr. Ireneo Machado, o Dr. Sá Freire renunciou o seu mandato declarando ser definitiva a sua resolução. A impressão causada por esta renuncia do Dr. Milciades do lugar de senador pelo Districto Federal foi immensa, e a mesa do Senado occultou o officio recebido á imprensa até ver si conseguia dissuadi-lo.

A este fim os srs. Urbano dos Santos, Antonio Azeredo, J. Metello, Pedro Borges e Bernardo Monteiro incorporados foram, á noite, á residencia do sr. Sá Freire, afim de pedir a s. exa. que desistisse de abandonar o seu mandato de representante da nação, motivo pelo qual já não se havia reunido a Alta Casa do Congresso Nacional, na esperanza de vêr o renunciante retirar do expediente o pedido que havia apresentado na vespera.

Quando a mesa do Senado se achava na residencia do representante do Districto Federal, alli chegaram tambem os srs. senadores Indio do Brasil e Bernardo Monteiro, que haviam resolvido acompanhar á mesa naquella prova de estima e consideração ao renunciante.

O sr. Urbano Santos, que falou em primeiro lugar, explicou que o fim daquella visita significava o desejo de todo o Senado.

S. exa. pediu depois ao sr. Sá Freire que não privasse os seus pares da sua collaboração, voltando a desempenhar a elevada missão que lhe havia confiado o eleitorado. Era este mais um grande serviço que se lhe solicitava.

O sr. Antonio Azeredo accrescentou, por entre elogios á conducta e dedicação do sr. Sá Freire, que o incidente do reconhecimento do sr. Ireneo Machado devia ser por s. exa. considerado terminado. Não via ahí motivo para que o seu collega renunciante se esquecesse da politica, interrompendo a sua carreira e abandonando um mandato que vinha honrando com abnegada operosidade. O momento exigia que o sr. Sá Freire não se afastasse do Senado, pois alli todos o esperavam com as sympathias de sempre. Não insistisse no seu pedido, terminou o sr. Azeredo.

Os demais senadores presentes reafirmaram os mesmos sentimentos.

O sr. Bernardo Monteiro appellou para o passado do seu collega, cheio de serviços á Republica, concitando-o a não insistir no pedido.

Estava certo—accrescentou—que assim o exigiria o proprio Districto Federal.

Todos foram ouvidos com a maxima attenção.

Em seguida o sr. Sá Freire respondeu, dizendo que não podia esconder a sua profunda emoção. Os seus collegas sabiam, porém, que elle tinha a virtude de ser sincero. Aquella alta prova de es-

tima o honrava sobremaneira e jámais dentro da sua immensa gratidão, esqueceria esta derradeira homenagem do Senado. Contudo a sua resolução era inabalavel. Mantinha a sua renuncia e fechava o tirocinio da sua actividade politica.

Depois da definitiva declaração do sr. Sá Freire, os presentes ainda se demoraram na residencia do collega renunciante, em palestra intima, durante a qual o sr. Sá Freire procurou desviar sempre o curso da conversa do incidente que havia motivado o seu gesto.

Nossa vizinha republica e grande amiga a Argentina esteve, nestes dias, de festas, albergando não pequeno numero de embaixadores estrangeiros. E tinha a republica do Plata, motivos de sobejo para estar de festa, pois commemorou no dia 9 deste mez o primeiro Centenario da proclamação de sua independencia, pelo congresso de Tucuman.

Já aos 25 de Maio de 1810 tinha se dado em Buenos Aires o primeiro grito de independencia sendo vice-rei Baltasar Idalgo de Cisneros, que foi deposto e organizou-se uma junta governativa nacional, composta de naturaes do paiz e hespanhões que adheriram á causa patriota, sendo seu presidente o boliviano coronel Cornelio Saavedra e a alma della seu secretario Moreno.

Com isto já o povo de Buenos Aires assumira de facto os attributos da soberania. Mas foi o congresso de Tucuman que seis annos mais tarde, a 9 de Julho de 1816, deu uma consagração legal á nova ordem de cousas, affirmando de modo definitivo que as provincias unidas do Rio da Prata aprovavam e seguiam a causa da Capital do antigo vice-reinado.

Nesse dia 9 portanto faz 100 annos aquelle congresso de patriotas argentinos rompeu definitivamente os laços de nominal vassalagem ainda existentes entre a nova nação americana e a velha metropole européa. E, sem discrepancias, perante o seu presidente, Francisco Narciso de Laprida, todos os deputados presentes juraram defender, com a vida, haveres e fama, a declaração publica e solenne constante da acta nesse momento lavrada, nomeando como Director Supremo do Poder Executivo a Pueyrredon que emprestou decidida cooperação ao general San Martin para a campanha de livertar o Chile.

E tanto maior motivo tem os nossos irmãos os argentinos para commemorarem no meio do mais lidimo entusiasmo esta data, si attendemos ás circunstancias em que se fez esta declaração, com o inimigo vencedor pela frente, ameaçados por outro exercito no oriente, perdida a causa da revolução no Chile que estava reconquistado e fortemente compromettida a mesma causa no Alto Perú com o desastre do Desaguadero, na Nova Granada, Venezuela e no Mexico. Na verdade o 9 de Julho de 1816 marca uma reacção valente das classes dirigentes contra o desalento das derrotas militares e os esforços penosos do primeiro ensaio de governo. Foi uma affirmação energica, da vontade nacional e da consciencia americana, sobrepondo ás adversidades passageiras a fé na liberdade do paiz e a fé na democracia ás velleidades de um monarchismo opportunistas.

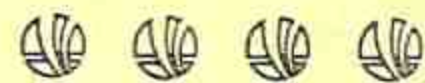
Não resenharemos as peripecias mil porque tem passado a Argentina nestes 100 annos de existencia como nação independente, mas sim diremos que depois das vicissitudes mil porque passou, reina e floresce a paz na Republica ao commemorar o primeiro centenario deste grande acontecimento. E reina não somente a paz, mas tambem a prosperidade, já que o cataclysmo europeu não desorganizou sua vida economica e financeira, nem lhe trouxe emissões de papel moeda, nem moratorias com os credores externos, nem desorientou os seus estadistas.

O nosso caro Brasil associou-se ás justas alegrias da Republica amiga e mandou para o representar um de seus mais preclaros filhos.

A embaixada, que representará o Brasil nas festas com que a Republica Argenticica commemora o centenario de Tucuman, compõe-se dos srs.: conselheiro Ruy Barbosa, senador federal, embaixador; almirante Antonio C. Gomes Pereira, delegado naval; general Feliciano Mendes de Moraes, delegado militar; dr. Baptista Pereira, 1.º secretario; dr. Lourival Guilhobel, 2.º secretario; e dr. João Ruy Barbosa, 3.º secretario.

Foi mandado incorporar á embaixada o capitão Armando Duval, que exerce na Republica Argentina as funcções de addido militar á legação do Brasil.

Viajam os illustres brasileiros a bordo do vapor *Jupiter*, do Lloyd, que foi comboiado, até fôra da barra, pelo vaso de guerra *Rio Grande do Sul*. Estiveram presentes ao embarque da embaixada as altas autoridades civis e militares, e grande massa de povo.



—Falleceu no dia 6 o jornalista Oliveira Gomes, redactor d'*A Noticia*.

—A Santa Sé elevou a embaixada a internunciatura que tinha na Argentina.

—Inaugurou-se em Buenos Aires o 13.º Congresso Socialista.

—A Santa Sé, desejando salvaguardar a vida e haveres dos seus representantes diplomaticos, comprou um vapor, a que chamará *Nuncios*, e ao qual o governo italiano concedeu abrigo no porto de Civita Vecchia. Esse vapor será pintado a branco e ouro, devendo içar o pavilhão papal.

Este acontecimento tem sido muito commentado e é, de facto, de molde a causar successo. O ultimo navio que o Vaticano possuiu, *Maria Immaculada*, foi vendido em novembro de 1870.

A Santa Sé communicou oficialmente ás potencias a compra feita. A equipagem do navio será composta de suissos.

O cardeal Ponti abençoará o navio.

—Em Sestáo (Hespanha) inauguraram-se os novos estaleiros que foram solemnemente benzidos pelo Sr. Bispo de Victoria. Pertencem á Sociedade Hespanhola de Construcção e medem 99.278 metros quadrados.

—Não faltam nos Estados Unidos almas que sabem fazer dos seus quantiosos bens o uso que Deus reclama. Assim neste anno passado a Sra. Geraldyn de Nova-York entregou 350.000 dollares para o edificio da igreja de Notre Dame da mesma cidade: a Sra. W. Lanaham 159.000 pesos pa-

ra a construcção dum templo em Baltimore; o Sr. N. Brady 110.000 pesos á igreja de Sto. Ignacio de Nova-York; o Sr. Cornelio Crohin 100.000 pesos a varias instituições e igrejas; a Sra. E. O'Connor de Nova-York deixou no testamento 80.000 pesos com o mesmo fim que o anterior; o Sr. J. H. Paterson de Nova-York legou 50.000 pesos ao Orfanato de S. José para meninas; a herdeira do ultimo Miguel Cudahy, de Chicago, cedeu ás Irmãs do Santo Nome a espaçosa e rica residencia que o defunto milionario possuia em Pasadena, e que está avaliada em 100.000 pesos. As doações de 10.000 a 40.000 pesos são innumeradas.

Efeito da recente scisão, o partido socialista deixou de ter a preponderancia numerica no parlamento do imperio allemão, tendo-se tornado o Centro o grupo palamentar mais importante do Reichstag, mesmo sem n'elle considerarmos incluídos os polacos e os alsaciano-lorenos, que em questões religiosas votam com o Centro.

A distribuição actual dos partidos politicos, tal como a apresenta o novo annuario do Reichstag é a seguinte:

Centro catholico.	91 dep.
Socialistas.	89 »
Nacionaes-liberaes	45 »
Progressistas democratas.	45 »
Conservadores.	44 »
Polacos.	18 »
União socialista do trabalho.	18 »
Centro catholico alsaciano-loreno.	6 »
Independentes.	11 »

—Foi inaugurada, no dia 2, uma liga contra o analfabetismo, com séde em Petropolis, e sob a presidencia do sr. João de Deus Filho.

—Lemos n'A *Bussola* de Juiz de Fóra, que o sr. coronel Theodorico de Assis fundou na sua importante fazenda *Floresta* uma escola para os filhinhos dos colonos, e accrescentou á escola uma capellinha. Bravos!

—Foi installado em Juiz de Fóra o Instituto para os Cegos, fundado pelo sr. Arthur Fontes, e que se acha localisado no casa 5 da Avenida Operaria, á rua de S. Matheus.

Aos 70 annos de idade morreu o grande orientalista Maspero deixando entre outros os seguintes trabalhos: "Contes populaires egyptiens", "Les Mummies royales de Der-el-Bahar", "Fragments thebains de l'ancien Testament", "Archeologie egyptienne", "Promenades archeologiques", etc., etc.

Foi solemnemente enthronizado o S. C. de Jesus na sala da redacção da "União", tendo assistido grande numero de amigos e collaboradores a esta piedosa cerimonia que presidiu o bom Frei Diogo de Freitas, guardião do Convento de Santo Antonio. Ao fim, tomou a palavra o distincto padre dr. João Gualberto do Amaral, que dissertou, durante perto de uma hora, sobre o nosso jornal e seus collaboradores, a missão da imprensa, o futuro diario catholico, etc. Respondeu-lhe, agradecendo, o dr. Felicio dos Santos.

—Realisou-se no dia 29, na Cathedral da Bahia, revestindo-se o acto do imponente solemnidade, a sagração do bispo de Sobral, d. José Tupinambá da Frota, pontificando o arcebispo primaz d. Jeronymo Thomé, e com assistencia do arcebis-

po do Ceará e do bispo de Alagoas, respectivamente d. Manuel Gomes e d. Manuel de Oliveira Lopes.

— Durante os ultimos dez annos naturalizaram-se argentinos 39.553 estrangeiros, contando-se neste numero 215 brasileiros.

—A conhecida casa commercial Piccardo y Comp., de Buenos Aires, dõou a importancia de 50.000 francos aos pilotos argentinos Eduardo Bradley e Angelo Zuloaga, pela façanha que acabam de praticar, fazendo a travessia dos Andes em balão livre.

— Falleceu em Santiago do Chile o sr. Adolpho Guerrero, politico de grande prestigio.

O finado, que já occupou o cargo de ministro do Exterior e uma cadeira no Parlamento, era tambem um jurisconsulto notavel.

— No momento em que uma ingente multidão acclamava o Presidente da Republica Argentina, sr. Victorino de la Plaza, que desde a sacada da Casa Rosada, assistia com o sr. Cons. Ruy Barboza, ministros de Estado e demais embaixadores estrangeiros ao desfile das tropas, um individuo, que disse chamar-se João Mandrini, filiado ao partido anarquista, desfechou um tiro de revolver contra o Presidente que felizmente não deu no alvo.

— Lloyd George foi nomeado ministro da guerra inglez, e Ed. Grey agraciado com o titulo de conde do Reino Unido.

— Inaugurou-se em Buenos Aires o Congresso da Criança.

— O govêrno da Bolivia desmentiu que estivesse tratando da compra de armamentos.

—Foi sancionada a convenção postal celebrada entre a Republica Argentina e o Brazil.

— Falleceu no Rio o jornalista Baptista Coelho, que usava o pseudonymo *João Phóca*

— Um individuo, que a policia não descobriu ainda quem seja, inutilisou, no dia 3, em Mariano Procopio, o busto de d. Luiz Lasagna, bispo de Tripoli, levantado no local em que se deu, ha annos, o desastre ferro viario em que foi victimado aquelle prelado. O malfeitor cobriu o busto com uma grossa camada de pixe, estragando, por completo o mármore.

— Falleceu em Madrid o senador Antonio Martinez do Campo e Acosta.

— Na Academia da Historia, na Hespanha teve lugar a recepção do sr. Manuel de Feronda; e do eminente archeologo Vicente Lamperez e na de Bellas Artes a do sr. Antonio Fernández Bordas.

— Os 360 senadores hespanhóes estão distribuidos nas seguintes filiações: 176 adictos, 106 conservadores, 4 ciervistas, 23 maurista, 2 reformistas, 3 jaimistas, 7 regionalistas, 17 arcebispos e bispos, 14 independentes, 5 palatinos, 1 integrista e 1 republicano.

— As últimas notitias dão como nomeado ministro das provisões do Imperio allemão o barão de Herting, catholico.

— Por decreto da Congregação do Sto. Officio, datado em 13 de Abril proximo passado foi condemnada a obra do Dr. Henrique Mariavé titulada: "*La Leçon de l'Hôpital Notre Dame d'Ipres—Exegése du Secret de la Salette*". O primeiro volume editado em Paris e o segundo em Montpellier, em 1915.

A LEI DE DEUS

TERCEIRO MANDAMENTO

Guardarás domingos e festas de guarda

LENDA TERCEIRA

O BOM EXEMPLO

— Porém, senhora duqueza, exclamou com raiva a ingleza, v. exc.^a esquece-se de que hoje é domingo?

— Pelo contrario, replicou a boa mãe, pelo contrario, lembra-me perfeitamente.

— Então permitta-me v. exc.^a que lhe diga, replicou a ingleza pallida de furor, permitta-me que lhe diga que está ensinando a sua filha a faltar a um dos preceitos de Deus, que nos manda santificar os dias de guarda.

— A minha filha está doente, obervou a duqueza, e Deus, todo bondade, dispensa d'este preceito as creaturas, cuja saude o seu cumprimento póde prejudicar. Tenha vossemecê entendido além d'isto, que Deus não se satisfaz com demonstrações hypocritas.

— Senhora . . . eu . . .

— Chegue-se aqui, continuou a mãe de Clementina, abrindo a janella, e mostrando á aia outra que ficava defronte, através de cujos vidros se via uma rapariga, que cozia com muita curiosidade; veja a maneira por que Rita guarda os dias santificados.

N'aquelle momento Rita levantou a cabeça, e vendo sua ama levantou-se respeitosamente para a cumprimentar; a duqueza chamou-a em quanto a aia tremia.

— Entra, Rita, disse a duqueza.

A rapariga, que tinha uma physionomia meiga, inclinou-se profundamente, e esperou que sua ama a interrogasse.

— Porque trabalhas hoje sendo domingo, Rita? perguntou a duqueza.

— Minha senhora, trabalho todos os domingos; é tanta a costura!

— Minha filha não tem modista?

— A modista só faz as cousas novas: os concertos e os bordados estão a meu cargo e ao da minha companheira por ordem de Mistress Barlon.

A duqueza olhou severamente para a aia.

— Mistress Barlon, disse a mãe de Clementina, eu pago para minha filha a melhor modista da capital, a bordadora de mais fama e a costureira de mais habilidade, e vossemecê tem arrecadado as quantias que julgou serem-lhe dadas, abusando pelo espaço de quatro annos da minha credulidade, da bondade de Rita e da sua companheira. Muito grossa deve estar a sua bolsa.

A aia fez um movimento de ira.

— Socegue que ainda não acabei, proseguiu a mãe de Clementina com socego digno e firme. Devo dizer tambem que as immensas quantias,

de que acabo de fallar, e que seriam bastantes para propocionar os meios de subsistencia a muitas familias necessitadas, foram motivadas pelas perversas maximas de orgulho e vaidade que ensinou a minha filha, sem duvida porque vinha aos seus interesses.

— Senhora duqueza! . . . exclamou a ingleza enraivecida; v. exc.^a esquece-se de que eu sou uma pessoa decente, e que . . .

— Nunca me esqueço d'aquillo de que me devo lembrar, mas tambem não consentirei que me interrompa quando fallo. Deixe-me pois proseguir: para ficar com o dinheiro obrigava vossemecê esta rapariga e a sua companheira a trabalharem aos domingos e dias de festa, passando-os vossemecê na igreja batendo no peito, e ensinando a Clementina essa ridicula e exterior devoção; não obstante não se deve esquecer de que o Senhor diz fallando do terceiro mandamento do Decalogo: *Trabalharás seis dias, mas o sétimo é do Senhor teu Deus, não farás obra nenhuma n'elle, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem a tua besta, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas.*

— Ah! mamã, exclamou Clementina; então Deus diz tudo isso? Então hei-de ser condemnada por ter permittido que Rita trabalhasse? Oh! sim, sim, repetiu cheia de terror, irei para o inferno, porque o Senhor manda para elle todos os que lhe desobedecem.

— Póde vossemecê rever-se na sua obra, Mistress Barlon! disse amargamente a duqueza, mostrando-lhe sua filha, que transtornada e confusa occultava a cabeça no seio de sua mãe; vossemecê confundiu na alma d'esta menina, com a mais infame intenção, o culto que todo o bom christão deve a Deus, com o fanatismo mais grosseiro e os mais supersticiosos terrores! Em vez de lhe ensinar a santificar as festas dando esmolas aos pobres, e alliviando as miserias occultas, fez-lhe crear aversão pelos indigentes! Em lugar de lhe ensinar a elevar o seu coração a Deus em orações sinceras e internas, ensinou-lhe a ir por ostentação á igreja! E ao passo que fazia tudo isto, sei que criticava com descaramento as duas horas que todas as tardes passo em oração no meu oratorio, os meus jejuns ás sextas-feiras, e as missas que mando dizer pela alma do pai de minha filha. Sáia já de minha casa, mulher venal e hypocrita! continuou a duqueza mostrando com gesto imperativo a porta á ingleza; queira Deus perdoar-me, porque cedendo ás exigencias do mundo confiei a educação de minha filha a mãos tão indignas e pelo espaço de tanto tempo!

A duqueza atirou aos pés da infame mulher uma bolsa cheia de ouro, e de novo lhe ordenou que saísse de sua casa. A ingleza obedeceu apañando a bolsa, e levando quanto roubára á boa fé e indolencia da mãe da sua educanda.

A duqueza tambem despediu o mordomo por ter infringido as suas ordens a respeito do aluguel do quarto, em que habitava a mãe de Branca.

(Continúa)